A ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO

DANIEL, CRISTO E O MISTÉRIO ESCATOLÓGICO



Por

Cicero Duarte

LEIA

Acreditando ou não, entendendo ou não, mas LEIA. E as vibrações nelas contidas (o Poder do SOM INAUDÍVEL das palavras, o poder do pensamento, da sabedoria antiga e da Doutrina Secreta) irão despertar uma resposta na tua alma.



A Abominação da Desolação – Daniel, Cristo e o Mistério Escatológico

Por Cicero Duarte, 2018

Apocalipse 5

Versículos de Apocalipse 5 do livro de Apocalipse da Bíblia.
O livro e o Cordeiro

1Então vi na mão direita daquele que está assentado no trono um livro em
forma de rolo, escrito de ambos os lados e selado com sete selos.
2Vi um anjo poderoso, proclamando em alta voz: "Quem é digno de romper os
selos e de abrir o livro?"
3Mas não havia ninguém, nem no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, que
pudesse abrir o livro ou sequer olhar para ele.
4Eu chorava muito, porque não havia ninguém que fosse digno de abrir o livro
e de olhar para ele.
5Então um dos anciãos me disse: "Não chore! Eis que o Leão da tribo de Judá,
a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos".
6Depois vi um Cordeiro, que parecia ter estado morto, em pé, no centro do
trono, cercado pelos quatro seres viventes e pelos anciãos. Ele tinha sete
chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus enviados a toda a terra.
7Ele se aproximou e recebeu o livro da mão direita daquele que estava
assentado no trono.
8Ao recebê-lo, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-
se diante do Cordeiro. Cada um deles tinha uma harpa e taças de ouro cheias
de incenso, que são as orações dos santos;
9e eles cantavam um cântico novo: "Tu és digno de receber o livro e de abrir os
seus selos, pois foste morto e com teu sangue compraste para Deus gente de
toda tribo, língua, povo e nação.
Tu os constituíste reino e sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinarão sobre
a terra".
11Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de
milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres viventes e os anciãos,
12e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder,
riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!"
13Depois ouvi todas as criaturas existentes no céu, na terra, debaixo da terra e
no mar, e tudo o que neles há, que diziam: "Àquele que está assentado no
trono e ao Cordeiro sejam o louvor, a honra, a glória e o poder, para todo o
sempre!"
14Os quatro seres viventes disseram: "Amém", e os anciãos prostraram-se e o
adoraram.

Prefácio

Querido leitor,

Receba estas páginas como quem se aproxima de um limiar. Não se trata apenas de um estudo sobre profecias antigas, mas de uma travessia interior que nos convida a ouvir a voz que atravessa os séculos. O tema da **abominação da desolação**, tão enigmático e perturbador, não foi preservado nas Escrituras para alimentar o medo, mas para formar consciência desperta.

Daniel, Jesus e João são mestres de um mesmo caminho: cada um, em sua geração, ergueu-se como testemunha da fidelidade de Deus em meio à desolação dos homens. Daniel resistiu no exílio, Jesus ensinou sobre os sinais do fim e João fortaleceu comunidades perseguidas. Três tempos, três cenários, mas uma mesma verdade: o mal é transitório, o Reino é eterno.

Ao abrir este livro, proponho a você não apenas compreender a profecia como dado histórico, mas **acolhê-la como pedagogia espiritual**. Ler Daniel é contemplar o tempo como campo de revelação; escutar Jesus é aprender a vigiar; acompanhar João em Patmos é aprender a esperar no silêncio do mistério.

Talvez você se pergunte: "Que sentido têm estas palavras para nós, neste século marcado por crises, tecnologia e incertezas?" A resposta está no coração da profecia: toda vez que o sagrado é substituído pelo ídolo, reedita-se a abominação; toda vez que o poder busca ocupar o lugar de Deus, reatualiza-se a desolação.

Mas também é verdade que toda vez que alguém permanece fiel, silencioso e vigilante, abre-se no mundo uma fresta do Reino. É por isso que este livro não é apenas leitura, mas convite: convite a vigiar, a discernir, a permanecer fiel.

Que sua leitura seja feita como quem caminha em oração, permitindo que cada página seja mais que informação — seja encontro. Que ao final desta jornada, você possa reconhecer no Cordeiro a chave da história, e na esperança a força que sustenta a travessia.

Com fé,
Cicero Duarte

Sumário Editorial

1. **Prefácio – Entre a História e o Espírito**
   – Carta introdutória ao leitor sobre o propósito da obra.
2. **Capítulo I – O Profeta Daniel e o Enigma da Desolação**
   – Contexto histórico (Antíoco IV Epifânio, sacrifícios pagãos).
   – A linguagem simbólica do "sacrifício cessado" e da profanação do Templo.
   – A tensão entre evento histórico e projeção escatológica.

3. **Capítulo II – Jesus e a Chave da Profecia**
   – Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21.
   – O “quem lê, entenda”: o convite hermenêutico.
   – A abominação como divisor entre “tribulação” e “grande tribulação”.
4. **Capítulo III – Apocalipse e a Releitura dos Selos**
   – Os cinco primeiros selos e o início das dores.
   – O 6º selo e os sinais cósmicos (sol escurecido, lua em sangue, estrelas caindo).
   – O Dia do Senhor e a convergência com Mateus 24.
5. **Capítulo IV – A Abominação e o Sistema da Besta**
   – Distinção entre “marca” e “tecnologia” (controle global, mas idolatria como essência).
   – O culto ao poder como idolatria moderna.
   – Dimensão espiritual da escravidão à imagem do Anticristo.
6. **Capítulo V – A Estação do Fim**
   – Parábola da figueira como metáfora das estações espirituais.
   – A geração que verá todos os sinais.
   – O risco das traduções modernas (NTLH) e a importância do *textus receptus*.
7. **Capítulo VI – O Arrebatamento: Público ou Secreto?**
   – Refutação da doutrina do arrebatamento secreto.
   – A manifestação pública: “todo olho verá” (Ap 1:7).
   – Ressurreição dos mártires como primeiro ato da vitória messiânica.
8. **Capítulo VII – Hermenêutica Profética: Entre Literalidade e Espiritualidade**
   – Leitura histórica (Antíoco IV, Tito, Calígula).
   – Leitura espiritual (anticristo como arquétipo).
   – Caminho educativo: discernir os tempos sem fanatismo.
9. **Capítulo VIII – Filosofia da História e Escatologia**
   – O tempo como campo de revelação.
   – A pedagogia do sofrimento e da esperança.
   – O destino humano à luz da eternidade.
10. **Capítulo IX – Implicações Educacionais e Espirituais**
    – A abominação como metáfora para a degeneração da consciência.
    – Educação espiritual: discernimento contra idolatrias do poder, da técnica e da religião.
    – O chamado à sobriedade: vigiar e ser filho da luz.
11. **Capítulo X – Conclusão: O Mistério Conservado no Fim dos Tempos**
    – A geração final como estação decisiva.
    – A esperança: abreviação dos dias “por causa dos eleitos”.
    – O Apocalipse como revelação do Cordeiro, não apenas como catástrofe.
12. **Apêndices**
    – Linha do tempo comparada (Daniel, Jesus, João).
    – Quadro sinóptico: Mateus 24 x Marcos 13 x Lucas 21 x Apocalipse 6.
    – Notas críticas sobre traduções bíblicas.
13. **Bibliografia Comentada**
    – Inclusão das referências fornecidas (Ammannati, Beale, Boxall, Bauckham, Brown, Collins, etc.).

– Referências patrísticas e contemporâneas.
– Obras adicionais de hermenêutica apocalíptica.

Estilo e Tom

- **Epistemológico:** análise crítica das fontes bíblicas e históricas.
- **Gnosiológico:** convite ao discernimento espiritual e vigilância interior.
- **Filosófico:** reflexão sobre tempo, poder e destino humano.
- **Educacional:** estrutura clara, capítulos curtos, notas reflexivas e quadros comparativos.

Epígrafe

"Quando o lugar santo for profanado, não será apenas o templo de pedra que se tornará desolado, mas o coração dos homens.
E quando o tempo parecer consumido pelo mal, então o Eterno se revelará como luz no silêncio.
O fim não é destruição, mas revelação; não é queda, mas nascimento."

Introdução

Este livro nasce do entrelaçamento de três vozes proféticas que atravessam a Escritura: Daniel, Jesus e João. Suas palavras, embora pronunciadas em contextos históricos distintos — exílio babilônico, ministério do Cristo e perseguição romana —, convergem em um mesmo horizonte: o mistério do tempo e a revelação do fim.

A "abominação da desolação", expressão que atravessa Daniel e é retomada por Jesus em Mateus 24, torna-se chave hermenêutica da escatologia bíblica. Mais que um evento pontual da história de Israel, ela simboliza a profanação do sagrado, a inversão da ordem divina e a manifestação do poder idolátrico em sua forma mais extrema. João, em Patmos, amplia esta visão ao descrever o sistema da Besta e a marca de submissão global (Ap 13), mostrando que a luta espiritual não se restringe ao passado, mas se projeta em cada geração.

Este livro não busca oferecer um manual de previsões, mas um itinerário de discernimento. A escatologia aqui apresentada é pedagógica: forma a consciência, educa o olhar, desperta a vigilância. Ao percorrer as páginas, o leitor será conduzido a compreender que a história não é um acaso, mas campo de revelação; que as dores não são absurdas, mas pedagógicas; e que o fim não é catástrofe, mas plenitude.

A intenção é unir o rigor da análise histórica e textual com a profundidade da meditação espiritual. Não se trata de separar literalidade e simbolismo, mas de integrá-los em uma hermenêutica viva, capaz de iluminar o presente e orientar a esperança.

Considerações Iniciais

Ao iniciar esta jornada, é necessário colocar alguns marcos:

1. **A profecia é palavra viva.** Não pertence apenas ao passado, nem se reduz a código de previsão. Ela fala a cada tempo, iluminando a história com o fogo do Espírito.
2. **A abominação da desolação é um arquétipo.** Historicamente, ela se manifestou no Templo profanado; espiritualmente, manifesta-se sempre que o lugar do sagrado é ocupado pelo ídolo — seja ele político, religioso, econômico ou tecnológico.
3. **O olhar deve ser integral.** Literalismo puro empobrece a profecia, espiritualismo abstrato a dilui. O equilíbrio está na leitura integrada, onde história, símbolo e espírito se entrelaçam.
4. **A escatologia é pedagógica.** Não foi revelada para alimentar medo, mas para despertar consciência. É formação da alma na esperança e na perseverança.
5. **Cristo é a chave.** Em Daniel, temos a promessa; em Jesus, o intérprete e o cumprimento; em João, a visão final. Tudo converge para Ele, o Cordeiro que abre os selos e conduz a história à plenitude.

Que este livro seja lido como itinerário espiritual: não apenas para acumular informações, mas para formar discípulos vigilantes, conscientes e esperançosos. A travessia é árdua, mas a promessa é gloriosa: “E verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória” (Mt 24:30).

Capítulo I – O Profeta Daniel e o Enigma da Desolação

1.1. O Tempo e a Visão Profética

O Livro de Daniel nasce em um contexto de opressão, quando Israel se encontrava subjugado por impérios que não apenas dominavam politicamente, mas também buscavam corromper a identidade espiritual do povo. Daniel, um jovem exilado na Babilônia, torna-se símbolo de resistência, sabedoria e fidelidade ao Deus vivo.

Nas visões que lhe foram concedidas, o tempo se dilata: o imediato sofrimento do povo é posto em paralelo com uma revelação cósmica que ultrapassa a história linear. Daniel não fala apenas de seu presente, mas do desvelar de forças que atravessam os séculos, culminando em um confronto final entre a soberba humana e o reinado eterno do Altíssimo.

1.2. A Abominação no Segundo Templo

Historicamente, a expressão “abominação da desolação” refere-se ao sacrifício pagão imposto por Antíoco IV Epifânio em 167 a.C., quando o culto judaico foi profanado pela instalação de práticas idolátricas no altar do Templo. Ali, a

ruptura não foi apenas política: foi espiritual. O sagrado foi substituído pela idolatria, o culto ao Deus Uno pela adoração de imagens e poder imperial.

Mas, para além do fato histórico, Daniel nos abre um horizonte escatológico: a profanação do Templo é figura de uma desordem maior – o momento em que o humano abdica de sua vocação espiritual e se curva às forças do poder mundano.

1.3. O Enigma Escatológico

Ao falar da abominação, Daniel não se limita a um evento passado. Suas palavras se projetam no futuro, indicando tempos de cessação do sacrifício contínuo, dias contados (1290, 1335) e a expectativa de um "fim determinado" (Dn 12:11-12).

Esse enigma numérico não é apenas cálculo: é pedagogia espiritual. Ele recorda ao homem que o tempo tem uma medida divina, que a história não corre ao acaso, e que até mesmo os períodos de dor e de perseguição estão sob os olhos do Eterno. A desolação é, paradoxalmente, também um tempo de revelação.

1.4. Da História ao Espírito

A tradição cristã, ao retomar Daniel, relê a abominação como chave hermenêutica do próprio discurso de Jesus em Mateus 24:15 – "quem lê, entenda". O convite não é apenas acadêmico: é espiritual. Entender é discernir. Ver além da superfície histórica. Reconhecer que cada geração, diante de suas idolatrias, pode recriar a abominação – seja no Templo físico, seja no santuário interior do coração humano.

Assim, Daniel nos entrega não apenas uma profecia, mas um espelho: a cada vez que o homem profana o lugar do sagrado em si mesmo, reedita o drama da desolação.

Notas Reflexivas

1. **A abominação é a inversão do sagrado.** Não se trata apenas de ritos exteriores, mas da perda da centralidade de Deus na vida interior.
2. **Todo tempo de crise é também um tempo de revelação.** A desolação desvela não apenas a maldade dos impérios, mas também a fidelidade daqueles que permanecem firmes.
3. **"Quem lê, entenda."** O convite de Jesus em Mateus 24 ecoa Daniel: é preciso que a leitura se torne contemplação, e a contemplação se converta em discernimento prático.
4. **A história é pedagógica.** O cálculo profético (1290, 1335 dias) é menos cronologia e mais símbolo: o tempo pertence a Deus, e até a dor tem limite diante do Eterno.
5. **O Templo somos nós.** A maior abominação ocorre quando o humano substitui a Presença Viva por ídolos do poder, da técnica ou da própria religião.

Capítulo II – Jesus e a Chave da Profecia

2.1. O Olhar de Cristo sobre Daniel

Nos Evangelhos Sinóticos (Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21), Jesus retoma a figura da “abominação da desolação” como chave de compreensão para os tempos finais. Sua voz, ao citar Daniel, não ecoa apenas como lembrança histórica, mas como atualização escatológica: o que aconteceu outrora no Templo se tornaria paradigma para acontecimentos futuros, inclusive para a ruína de Jerusalém no ano 70 d.C..

Ao pronunciar a enigmática frase – “Quem lê, entenda” –, Jesus oferece ao discípulo uma senha hermenêutica. Não se trata apenas de observar os sinais exteriores, mas de decifrar o que eles revelam sobre o mistério da história. É um convite ao discernimento espiritual.

2.2. Entre Tribulação e Grande Tribulação

Em Mateus 24, Jesus descreve um cenário progressivo: dores iniciais (guerras, pestes, terremotos), perseguição crescente aos discípulos, esfriamento do amor e, por fim, a deflagração da **Grande Tribulação**. O ponto de transição é justamente a **abominação da desolação** (Mt 24:15-21).

Antes dela, temos tribulações – sofrimentos dispersos, intensos, mas ainda contidos. Depois dela, instala-se o período mais sombrio, quando o Anticristo atinge o auge de seu poder, impondo culto e perseguição global.

Jesus lê Daniel não como texto morto, mas como profecia viva. É no choque entre templo e idolatria, entre fé e poder político, que a história espiritual do mundo encontra seu ápice.

2.3. A Linguagem dos Sinais

Cristo não fala em abstrações. Ele aponta sinais concretos:

- o sacrifício cessado;
- o templo profanado;
- os exércitos cercando Jerusalém;
- os falsos profetas e falsos cristos;
- e, acima de tudo, a necessidade de fuga imediata para quem estiver na Judeia (Mt 24:16-20).

A espiritualidade de Jesus é lúcida: não se confunde com evasão mística. Os sinais não são apenas códigos para especialistas; são alertas pedagógicos para todos os que vigiam. Jesus educa a consciência para estar desperta diante do curso da história.

2.4. A Chave da Vigilância

Ao ligar Daniel à sua própria escatologia, Jesus reafirma que o drama não é apenas coletivo, mas também interior. O homem é convocado a vigiar porque a abominação pode instalar-se em seu próprio coração: quando o lugar do sagrado é tomado por ídolos – sejam eles políticos, religiosos, tecnológicos ou pessoais –, repete-se o movimento que conduz à desolação.

Assim, Cristo é a chave não apenas porque interpreta Daniel, mas porque encarna a resposta à profecia: Ele é o Templo vivo, que não pode ser destruído, e é no encontro com Ele que a desolação se converte em esperança.

Notas Reflexivas

1. **“Quem lê, entenda”** – não basta ler a letra; é preciso penetrar no espírito da Palavra.
2. **Tribulação x Grande Tribulação** – há sofrimentos que preparam o espírito, mas há também o tempo da prova maior, quando a fé se torna questão de vida e morte.
3. **Sinais como pedagogia** – a escatologia não é superstição; é um método de educação espiritual pela leitura atenta da história.
4. **A abominação no coração** – todo ser humano pode transformar o templo interior em espaço de idolatria; daí a vigilância constante.
5. **Cristo como Templo vivo** – a profecia não termina em desespero, mas em revelação: o Cordeiro é a garantia de que a desolação não terá a última palavra.

Capítulo III – Apocalipse e a Releitura dos Selos

3.1. O Cordeiro que Abre o Livro

No coração do Apocalipse, João contempla um livro selado com sete selos (Ap 5). Somente o Cordeiro, imolado mas vivo, é digno de abri-lo. A imagem é decisiva: a história não está nas mãos do acaso, nem dos impérios, mas nas mãos daquele que venceu pela cruz.

Cada selo aberto não é apenas um anúncio de catástrofes, mas um desvelar da pedagogia divina. João, em Patmos, lê a realidade de modo semelhante a Daniel: a história é campo de revelação. O que parecia ser o triunfo do mal se torna cenário para a manifestação do plano divino.

3.2. Os Primeiros Quatro Selos: O Início das Dores

O cavalo branco, o vermelho, o preto e o amarelo (Ap 6:1-8) trazem imagens de conquista, guerra, fome e morte. Este é o **início das dores** de que Jesus falou em Mateus 24:6-8. Não são ainda o fim, mas sinais pedagógicos de que a história caminha para uma crise maior.

Daniel viu impérios que se sucediam; João vê cavaleiros que percorrem a terra. Ambos revelam que o poder humano, quando absolutizado, gera violência, desigualdade e destruição. São figuras diferentes de um mesmo princípio: o homem afastado de Deus repete o ciclo da idolatria política e econômica.

3.3. O Quinto Selo: A Voz dos Mártires

Ao abrir o quinto selo (Ap 6:9-11), João vê as almas dos mártires clamando por justiça. Aqui a narrativa se aproxima daquilo que Jesus nomeou como **Grande Tribulação** (Mt 24:21-22). A perseguição não é mais localizada, mas global. O testemunho de fé passa a ser punido com a morte.

A “abominação da desolação” encontra aqui sua expressão mais dura: o poder idolátrico não se contenta em controlar rituais ou templos, mas deseja sufocar a própria fé dos que seguem o Cordeiro.

3.4. O Sexto Selo: Sinais Cósmicos e o Dia do Senhor

Quando o sexto selo é aberto, o sol escurece, a lua se torna como sangue e as estrelas caem do céu (Ap 6:12-14). São os mesmos sinais descritos por Jesus em Mateus 24:29.

Daniel projetava dias contados; Jesus falava de uma grande tribulação; João, em Patmos, contempla o cosmos inteiro em convulsão. A história, a natureza e o universo participam do drama escatológico. Não se trata apenas de eventos políticos, mas de uma transformação cósmica que prepara a revelação final.

3.5. O Sétimo Selo: O Silêncio

Quando o sétimo selo é aberto (Ap 8:1), há silêncio no céu por cerca de meia hora. É um silêncio carregado de mistério. Se os primeiros selos traziam ruídos de guerra, perseguição e sinais cósmicos, o último se abre em contemplação.

Esse silêncio é o intervalo em que a história aguarda a revelação plena. É como se o céu inteiro esperasse pela consumação do plano divino. Aqui a leitura espiritual encontra o seu ápice: a escatologia não é apenas ruído apocalíptico, mas também convite ao silêncio orante, onde o espírito participa do mistério de Deus.

Notas Reflexivas

1. **O Cordeiro como chave da história** – a profecia não está em mãos humanas, mas naquele que venceu pela cruz.
2. **Os quatro cavaleiros** – símbolos das estruturas de poder quando se afastam de Deus: conquista, guerra, fome e morte.
3. **O clamor dos mártires** – a perseguição revela a fidelidade; o sangue derramado se torna semente de esperança.
4. **Os sinais cósmicos** – a criação também geme e participa da história da redenção (cf. Rm 8:22).

5. **O silêncio do sétimo selo** – a escatologia não é apenas destruição, mas também contemplação; Deus age no silêncio.

Capítulo IV – A Abominação e o Sistema da Besta

4.1. Da Profanação do Templo ao Controle do Mundo

Daniel, ao falar da “abominação desoladora”, via o altar do Templo substituído por sacrifícios pagãos (Dn 9:27; 11:31). O lugar do sagrado foi ocupado pelo profano, e a comunhão com Deus substituída pela imposição do poder humano.

Séculos depois, João em Patmos percebe que este movimento não é apenas passado, mas arquetípico: em Apocalipse 13, a Besta que emerge do mar exige adoração universal, enquanto a Besta da terra cria sinais e prodígios para sustentar o culto idolátrico. A profanação se amplia – não mais restrita ao Templo de Jerusalém, mas dirigida a toda a humanidade.

Jesus advertira: “Quando virdes a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, no lugar santo – quem lê, entenda –” (Mt 24:15). O “lugar santo”, outrora circunscrito ao Templo, agora se expande para o santuário da própria consciência humana.

4.2. A Idolatria como Sistema

A abominação não é apenas um ato isolado, mas um **sistema idolátrico**. Em Apocalipse 13, a Besta estabelece:

- uma **imagem** a ser venerada;
- uma **marca** sem a qual ninguém pode comprar ou vender;
- uma estrutura de **milagre e engano**, que seduz até os eleitos.

Aqui vemos a conexão com Daniel: assim como Nabucodonosor ergueu a estátua de ouro e exigiu adoração (Dn 3), a Besta ergue uma imagem global. Assim como Antíoco IV corrompeu o culto em Jerusalém, a Besta corrompe o culto universal.

A abominação não é apenas a idolatria antiga, mas a instauração de um **sistema totalitário** onde a fé é suprimida e substituída por culto forçado.

4.3. A Tecnologia da Marca

João descreve uma marca na mão direita ou na testa (Ap 13:16-17). Se, historicamente, o sinal era ligado a lealdade política e religiosa, espiritualmente é símbolo de submissão total. A mão representa a ação; a testa, a consciência.

No entanto, ao olharmos para o século XXI, percebemos que esse simbolismo se aproxima perigosamente da realidade tecnológica: sistemas de controle digital, vigilância em massa, economias rastreadas, manipulação algorítmica. O que era símbolo pode tornar-se, em nossos tempos, prática literal.

Mas o cerne permanece espiritual: não é a tecnologia em si que constitui a abominação, mas a **idolatria do poder** que utiliza a tecnologia para dominar corpos e consciências.

4.4. O Engano da Imagem

Apocalipse 13:14 fala da imagem da Besta que recebe fôlego, como se pudesse falar. Aqui temos o retrato da idolatria animada: a criação de simulacros que adquirem poder ilusório sobre a humanidade.

Daniel já havia alertado que, no fim, "a verdade foi lançada por terra" (Dn 8:12). Jesus, em Mateus 24, avisou que surgiriam falsos cristos e falsos profetas que fariam sinais e prodígios para enganar, se possível, os escolhidos. A abominação consiste exatamente nesse deslocamento da verdade: quando o sagrado é substituído pelo espetáculo, quando a imagem se impõe sobre a realidade.

Notas Reflexivas

1. **A abominação é sistema, não ato.** Não é apenas a profanação de um altar, mas o estabelecimento de uma ordem mundial baseada na idolatria.
2. **A marca é símbolo de submissão.** Mais que tecnologia, é a rendição da consciência e da ação ao poder idolátrico.
3. **A imagem que fala** é metáfora do simulacro que seduz – ontem uma estátua, hoje talvez a máquina, o algoritmo, o espetáculo.
4. **Cristo advertiu:** "Quem lê, entenda" – a chave não está em prever datas, mas em discernir quando a fé cede lugar ao culto do poder.
5. **O verdadeiro selo** não é o da Besta, mas o do Espírito (Ef 1:13). Reconhecer isso é a maior proteção contra a idolatria global.

Capítulo V – A Estação do Fim

5.1. A Figueira como Pedagogia do Tempo

No discurso escatológico de Mateus 24, após descrever a tribulação e os sinais cósmicos, Jesus oferece uma parábola simples e profunda:
"Aprendei, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o verão. Assim também vós, quando virdes todas estas coisas, sabei que ele está próximo, às portas" (Mt 24:32-33).

Aqui, o Mestre não está comparando Israel diretamente à figueira, como alguns intérpretes modernos sustentam. Ele oferece um princípio pedagógico: assim como os ciclos da natureza revelam as estações, também os sinais espirituais e históricos revelam a proximidade da sua vinda.

A fé vigilante é, portanto, semelhante à atenção do agricultor: discernir os sinais, não pela ansiedade de prever datas, mas pela sensibilidade de perceber que a estação se aproxima.

5.2. Uma Geração, Todos os Sinais

Jesus declara em seguida: “Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam” (Mt 24:34).

A chave aqui é a expressão **“esta geração”**. Não se trata da geração contemporânea de Jesus, mas daquela em que **todos os sinais narrados** – guerras, fome, abominação, grande tribulação, sinais cósmicos e a sua manifestação nas nuvens – se cumprirem em conjunto.

Assim, a geração do fim não é uma mera sucessão cronológica, mas uma **estação escatológica**, um tempo qualitativo no qual a totalidade das profecias converge.

Daniel havia indicado números precisos (1290, 1335 dias) para ensinar que o tempo está sob medida divina (Dn 12:11-12). Jesus, por sua vez, mostra que o critério não é contar dias, mas reconhecer o conjunto dos sinais. A história é como uma sinfonia: a última nota só pode ser ouvida quando todas as anteriores já ressoaram.

5.3. Crítica às Leituras Superficiais

As traduções modernas da Escritura, em especial as versões parafraseadas, muitas vezes diluem o peso da profecia. Um exemplo está em Mateus 24:34, quando algumas versões afirmam que “essas coisas acontecerão antes que morram todos os que agora estão vivos”. Tal leitura reduz a força escatológica da palavra e a prende a uma cronologia histórica já ultrapassada.

Esse é o risco das paráfrases: substituir a inspiração do Espírito pelo entendimento do tradutor. A profecia não pode ser domesticada pela pressa hermenêutica. Ela permanece como mistério que exige fé, paciência e contemplação.

A fidelidade ao ***textus receptus*** – o texto recebido, preservado, afinado pela tradição – é também fidelidade ao próprio Espírito que falou pelos profetas. O desafio não é simplificar a palavra para torná-la palatável, mas penetrar em sua densidade espiritual.

5.4. A Estação como Síntese

Paulo retoma esta pedagogia ao falar sobre os “tempos e as estações” (1 Ts 5:1-4). O dia virá como ladrão para o mundo, mas não para os filhos da luz. Estes, iluminados pela Palavra, discernem a estação, ainda que não conheçam o dia nem a hora.

A estação é a moldura do fim. Ela não é medida apenas por relógios, mas por sinais. A abominação da desolação, a tribulação, os sinais cósmicos e a grande aparição de Cristo convergem como folhas que brotam na figueira. Quem vigia saberá: o verão está próximo, o Senhor está às portas.

Notas Reflexivas

1. **A parábola da figueira** ensina que a escatologia é pedagógica: a natureza se torna metáfora do tempo espiritual.
2. **Esta geração** não é cronologia restrita, mas qualidade de tempo: a geração em que todos os sinais convergem.
3. **O risco das paráfrases** é tornar a Palavra refém da pressa humana; a profecia não deve ser simplificada, mas contemplada.
4. **A estação do fim** é revelada não em cálculos exatos, mas na convergência dos sinais.
5. **Filhos da luz** discernem as estações, não para prever datas, mas para manter a consciência desperta e a esperança viva.

Capítulo VI – O Arrebatamento: Público ou Secreto?

6.1. O Imaginário do Arrebatamento Secreto

No século XX, sobretudo em contextos evangélicos norte-americanos, consolidou-se uma doutrina que descreve o arrebatamento como um evento súbito e invisível: pessoas desapareceriam misteriosamente, deixando roupas nas cadeiras, carros desgovernados nas ruas, aviões sem piloto nos céus. Essa imaginação apocalíptica foi reforçada por romances e filmes, mas pouco ancorada na leitura integral da Escritura.

O perigo dessa visão está em reduzir a escatologia a espetáculo de desaparecimento, ao invés de mantê-la como epifania do Cristo glorificado.

6.2. A Palavra de Jesus: Todo Olho Verá

Mateus 24 é claro: “Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória” (Mt 24:30).

Não se trata de segredo, mas de manifestação cósmica. Os sinais no sol, na lua e nas estrelas (Mt 24:29; Ap 6:12-14) antecedem a vinda, preparando o olhar de toda a humanidade. O arrebatamento não acontece no silêncio invisível, mas no **esplendor universal**: o relâmpago que brilha do oriente ao ocidente (Mt 24:27).

6.3. O Testemunho Apostólico

Paulo confirma essa perspectiva:

“O Senhor mesmo descerá do céu com grande brado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, ao encontro do Senhor nos ares” (1 Ts 4:16-17).

Aqui não há silêncio, mas **som de trombeta**. Não há desaparecimento misterioso, mas ressurreição gloriosa. Não há sequestro secreto, mas reunião universal.

O arrebatamento é público porque é ato de revelação. É a hora em que o Cristo se mostra e a história é consumada diante de todos.

6.4. O Engano da Fuga

A doutrina do arrebatamento secreto muitas vezes nasce do desejo de escapar à tribulação. Mas Jesus advertiu: “No mundo tereis aflições” (Jo 16:33). E em Mateus 24, ele declara que **o arrebatamento vem após a tribulação** (Mt 24:29-31).

Não há fuga prematura, mas perseverança até o fim. O verdadeiro consolo não é a ilusão de escapar, mas a certeza de que “se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias” (Mt 24:22).

6.5. O Arrebatamento como Epifania

Portanto, o arrebatamento não é desaparecimento em segredo, mas **epifania gloriosa**. É a revelação final do Cordeiro diante das nações, o triunfo público da cruz, a ressurreição dos mortos em Cristo e a reunião dos vivos que permaneceram fiéis.

A abominação, a tribulação e o sistema da Besta preparam o palco para esse momento. E quando Ele vier, **todo olho verá** (Ap 1:7).

Notas Reflexivas

1. **O arrebatamento secreto** é fruto de imaginação moderna, mas não da leitura fiel da Palavra.
2. **Jesus é claro:** a sua vinda será como o relâmpago, visível de um extremo ao outro do céu.
3. **Paulo confirma:** haverá voz, trombeta e ressurreição – nada de silêncio ou mistério oculto.
4. **O consolo não é a fuga**, mas a esperança de que os dias serão abreviados por amor aos escolhidos.
5. **Epifania final:** o arrebatamento é a revelação pública do Cristo glorioso, não um desaparecimento furtivo.

Capítulo VII – Hermenêutica Profética: Entre Literalidade e Espiritualidade

7.1. A Tentação do Literalismo

A leitura literalista das profecias sempre exerceu fascínio. Há quem busque em Daniel, em Mateus 24 ou no Apocalipse, códigos secretos para decifrar datas,

nomes e eventos políticos específicos. Essa tentação, porém, é perigosa: reduz o mistério divino a cronograma humano, transformando a esperança em especulação.

Daniel falava a um povo oprimido pela Babilônia e, depois, pela tirania de Antíoco IV Epifânio. Jesus falava a discípulos que testemunhariam a destruição de Jerusalém. João escrevia a igrejas perseguidas pelo Império Romano. Cada palavra tinha contexto histórico imediato. Mas o Espírito inspirava além da história: havia um **sentido trans-histórico**, voltado para todos os tempos.

7.2. O Perigo do Espiritualismo Abstrato

Se o literalismo empobrece, o espiritualismo abstrato também fragiliza. Há quem reduza a "abominação da desolação" a mero símbolo da corrupção interior, sem qualquer vínculo histórico. Mas assim se perde o enraizamento da profecia no concreto da história humana.

O espiritualismo desincarnado corre o risco de dissolver a profecia em metáforas vagas, privando-a da força de advertência que mobiliza consciências. A Palavra é espírito, mas também é carne: fala ao tempo, à geografia e à política.

7.3. O Caminho da Integração

A chave hermenêutica autêntica está na integração: reconhecer o evento histórico, compreender o símbolo espiritual e discernir o sentido pedagógico.

- **Histórico:** Antíoco IV, Tito, a profanação do Templo, a perseguição romana.
- **Simbólico:** a abominação como arquétipo da idolatria, a Besta como sistema totalitário, a marca como submissão da consciência.
- **Espiritual:** a luta interior entre a fidelidade ao Cordeiro e a sedução do poder idolátrico.

Essa leitura integrada evita reducionismos e abre espaço para a pedagogia da fé: a profecia é um texto que fala ao ontem, ao hoje e ao sempre.

7.4. O Equilíbrio do Discípulo

Quando Jesus diz "quem lê, entenda" (Mt 24:15), Ele está convocando o discípulo a entrar nesse equilíbrio. Não se trata de cálculo frio nem de abstração vazia, mas de discernimento espiritual. É ler os sinais da história sem perder a profundidade do espírito, e penetrar no símbolo sem esquecer o chão histórico.

João, em Patmos, não ofereceu apenas um manual de previsão do futuro, mas uma liturgia de revelação: cada imagem é também um ícone para contemplação. O Apocalipse não é um calendário, mas um **santuário simbólico** no qual a comunidade aprende a permanecer fiel até o fim.

7.5. A Função Educativa da Profecia

A hermenêutica profética é, em última instância, educativa. Ensina-nos a pensar, a discernir, a não sucumbir nem ao literalismo fanático, nem ao espiritualismo difuso. A profecia educa a consciência a viver na tensão do "já e ainda não": Cristo já venceu, mas a plenitude ainda se manifesta.

Daniel, Jesus e João são mestres de uma mesma escola: a pedagogia da esperança. Cada um, em seu tempo, educa o olhar para não se perder no desespero da tribulação, mas também para não se iludir com promessas fáceis de paz aparente.

Notas Reflexivas

1. **Literalismo empobrece**: transforma a profecia em cronograma humano.
2. **Espiritualismo desincarnado fragiliza**: dissolve a profecia em metáforas vagas.
3. **A integração é o caminho**: unir história, símbolo e espírito para compreender o todo.
4. **"Quem lê, entenda"**: convite à hermenêutica equilibrada e contemplativa.
5. **A função educativa da profecia**: formar uma consciência desperta, esperançosa e vigilante.

Capítulo VIII – Filosofia da História e Escatologia

8.1. O Tempo como Mistério

A história humana não é uma sequência cega de fatos, mas um campo de revelação. Daniel, ao receber a visão dos dias contados (Dn 12:11-12), compreende que o tempo está sob medida divina. João, em Patmos, vê o livro selado que só o Cordeiro pode abrir (Ap 5). Jesus, ao falar das estações e da geração do fim, ensina que o tempo é tecido de sinais (Mt 24:32-34).

Assim, o tempo é sacramento: nele, o invisível se torna perceptível. A escatologia não é fuga da história, mas leitura espiritual da história.

8.2. A História como Pedagogia

Cada império que se levanta e cai, cada perseguição e cada desolação, tornam-se lições. Daniel vê Babilônia, Pérsia, Grécia; João vê Roma; nós vemos os sistemas contemporâneos que idolatrizam poder, técnica e mercado. Em cada época, a idolatria se reinventa, mas a pedagogia é a mesma: ensinar ao homem os limites de sua arrogância.

A filosofia da história, iluminada pela fé, reconhece que a dor não é absurda, mas educativa. A grande tribulação não é apenas catástrofe: é purificação, revelação e preparação para a manifestação final.

8.3. O Tempo Linear e o Tempo Escatológico

A modernidade acostumou-se a pensar o tempo de modo linear: progresso, acúmulo, evolução contínua. Mas a escatologia bíblica introduz uma lógica diferente: a história tem começo, meio e fim; mas o fim não é apenas término, é plenitude.

Em Daniel e em João, o fim é também revelação (*apokalypsis*). O tempo histórico desemboca no tempo escatológico, onde a humanidade é convocada a atravessar o limite e contemplar o sentido último.

Assim, filosofia da história e escatologia se entrelaçam: a história é caminho; a escatologia, destino.

8.4. A Pedagogia do Sofrimento

O sofrimento histórico, seja no exílio babilônico, na destruição de Jerusalém ou nas perseguições contra os cristãos, é também pedagógico. Ele revela ao homem que sua segurança não está em impérios, templos ou sistemas, mas no Deus vivo.

A abominação da desolação é a pedagogia mais dura: quando o sagrado é profanado, a humanidade é obrigada a decidir – ou se curva ao ídolo, ou se mantém fiel ao Cordeiro. O tempo da dor é também o tempo da decisão.

8.5. O Destino como Revelação

A filosofia pergunta: qual o destino da humanidade? A escatologia responde: o destino é revelação. A história não é tragédia sem sentido, mas preparação para o encontro com o Cordeiro.

Por isso, Paulo afirma que “a criação geme em dores de parto” (Rm 8:22). O mundo não caminha para o caos, mas para o parto de uma nova realidade. O fim é gestação. A história é útero do eterno.

Notas Reflexivas

1. **O tempo é sacramento**: nele o invisível se revela ao olhar da fé.
2. **A história educa**: cada império, cada queda, cada perseguição é lição de humildade.
3. **Tempo linear x tempo escatológico**: a modernidade vê progresso; a fé vê plenitude.
4. **A pedagogia do sofrimento**: a dor revela o limite do humano e a necessidade do divino.
5. **O destino é revelação**: a história não se encerra em si, mas dá à luz o encontro com o Cordeiro.

Capítulo IX – Implicações Educacionais e Espirituais

9.1. Escatologia como Formação da Consciência

As profecias de Daniel, as palavras de Jesus e as visões de João não foram dadas para estimular curiosidade mórbida, mas para formar consciência. A escatologia é uma escola: ensina a viver de modo desperto, a discernir os sinais do tempo, a não se deixar seduzir pelas idolatrias que se renovam em cada geração.

O discípulo que contempla a profecia aprende a caminhar com responsabilidade: cada decisão cotidiana é também ato escatológico, pois aponta para o Senhor que virá.

9.2. A Vigilância como Postura Existencial

"Vigiai e orai" (Mt 26:41). A escatologia traduz-se em vigilância, não em ansiedade. Vigilância é lucidez: manter os olhos abertos diante da realidade, sem alienação nem desespero.

A parábola da figueira (Mt 24:32-33) e o discurso sobre as virgens prudentes (Mt 25:1-13) ensinam a mesma lição: o tempo exige prontidão. A vigilância não é medo, mas atitude amorosa de quem espera o Amado.

9.3. Ética em Perspectiva Escatológica

A ética cristã nasce da esperança escatológica. Se o mundo caminha para a manifestação do Cristo glorioso, cada gesto deve antecipar esse Reino. A justiça, a solidariedade e a verdade não são apenas valores morais, mas sinais antecipados do mundo vindouro.

Daniel resistiu ao banquete babilônico; os discípulos resistiram às perseguições; hoje somos chamados a resistir às idolatrias modernas: consumismo, culto à técnica, absolutização da política. A fidelidade ética é expressão da escatologia no presente.

9.4. Educação Espiritual para o Fim dos Tempos

A escatologia é também projeto pedagógico. Forma homens e mulheres capazes de atravessar a história sem perder a esperança. Educar espiritualmente é ensinar:

- a discernir ídolos, sejam eles exteriores ou interiores;
- a cultivar sobriedade e vigilância;
- a compreender que o sofrimento tem limite e sentido;
- a esperar ativamente, construindo sinais do Reino na terra.

Essa educação não se limita à transmissão de doutrinas, mas envolve o cultivo de uma consciência desperta, capaz de ler a realidade à luz da Palavra.

9.5. Da Escatologia ao Discipulado Vivo

O cristão não lê as profecias para fugir do mundo, mas para viver no mundo com profundidade espiritual. A escatologia, quando assimilada, gera discípulos comprometidos, vigilantes, éticos e educadores.

Assim como Daniel formou companheiros fiéis em meio ao exílio, como Jesus preparou discípulos para testemunhar na perseguição, e João fortaleceu comunidades perseguidas, também hoje a escatologia deve gerar comunidades de esperança, que resistam à abominação e permaneçam fiéis ao Cordeiro.

Notas Reflexivas

1. **A profecia é escola**: seu objetivo é formar consciência, não satisfazer curiosidade.
2. **Vigilância é lucidez**: não ansiedade, mas atenção amorosa ao tempo presente.
3. **A ética é escatológica**: cada gesto de justiça antecipa o Reino.
4. **Educação espiritual**: ensinar a discernir ídolos, cultivar sobriedade e esperar com esperança ativa.
5. **Escatologia gera discipulado vivo**: comunidades de fé que resistem à idolatria e permanecem fiéis ao Cordeiro.

Capítulo X – Conclusão: O Mistério Conservado no Fim dos Tempos

10.1. O Fio Profético que se Entrelaça

De Daniel ao Apocalipse, passando pelas palavras de Jesus, há um fio que não se rompe: a certeza de que a história humana, por mais profanada, permanece sob o olhar do Eterno. A **abominação da desolação** é a figura máxima da rebelião humana, mas também é sinal de que o tempo da consumação se aproxima.

A pedagogia divina é paradoxal: quando o mal atinge seu auge, é então que o mistério da redenção se revela com mais clareza.

10.2. A Esperança na Travessia

Daniel sustentou seu povo em meio ao exílio. Jesus preparou seus discípulos para a perseguição e para o cerco de Jerusalém. João fortaleceu comunidades frágeis diante da opressão imperial. A mesma esperança atravessa os séculos: **a tribulação não é o fim, mas passagem**.

A escatologia não é notícia de desespero, mas anúncio de esperança. O fim dos tempos é, para os que creem, o **início da plenitude**.

10.3. O Mistério Guardado

Em Daniel 12:4, o profeta recebe esta ordem: “Tu, porém, Daniel, cerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim”. Há uma dimensão do mistério que permanece velada, não por acaso, mas por pedagogia divina.

O mesmo eco aparece em Apocalipse 10:4, quando João ouve vozes dos trovões, mas é ordenado a não escrevê-las. O silêncio do céu (Ap 8:1) e as palavras seladas revelam: **nem tudo pode ser revelado agora**. Há um mistério guardado para o encontro definitivo.

10.4. A Geração do Fim

Jesus declarou: “Não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam” (Mt 24:34). O sentido último dessa afirmação é claro: haverá um tempo, uma geração, em que todos os sinais convergirão.

Essa geração verá a abominação da desolação, a grande tribulação, os sinais cósmicos e, por fim, o Filho do Homem vindo nas nuvens. Mas esse tempo não é apenas cronológico; é uma estação espiritual. Uma geração que carrega em si a totalidade do drama humano e também a plenitude da revelação divina.

10.5. O Mistério Conservado para os Fiéis

No fim, a mensagem é simples e profunda: o mistério do tempo é guardado para aqueles que permanecem fiéis. A desolação não é a última palavra, mas o penúltimo capítulo. A última palavra é do Cordeiro: vitória, vida e eternidade.

A escatologia, quando compreendida, não paralisa, mas desperta; não gera medo, mas esperança; não produz fuga, mas fidelidade. Ela educa o coração humano a viver a travessia com sobriedade, vigilância e esperança inabalável.

Notas Reflexivas

1. **O fio da profecia** conecta Daniel, Jesus e João: o mal é transitório, o Reino é eterno.
2. **A tribulação é passagem**, não fim: o sofrimento prepara o parto da plenitude.
3. **O mistério permanece selado**: nem tudo deve ser revelado antes da hora; o silêncio também é linguagem divina.
4. **A geração do fim é estação espiritual**: não cronologia fria, mas tempo qualitativo de convergência.
5. **O Cordeiro tem a última palavra**: vitória, esperança e vida eterna.

Apêndices

Apêndice I – Quadro Sinóptico das Profecias

Daniel, Jesus e João em Paralelo

Tema/Imagem Profética	Daniel	Jesus (Mateus 24 / Marcos 13 / Lucas 21)	João (Apocalipse)
Abominação da Desolação	Dn 9:27; 11:31; 12:11 – Sacrifício cessado, altar profanado	Mt 24:15 – “Quem lê, entenda”	Ap 13 – Imagem da Besta e culto forçado
Tribulação	Dn 12:1 – Tempo de angústia sem igual	Mt 24:21-22 – Grande tribulação	Ap 6:9-11 – O clamor dos mártires
Sinais Cósmicos	Dn 8:10 – Estrelas lançadas por terra	Mt 24:29 – Sol escurecido, lua em sangue	Ap 6:12-14 – Sexto selo, convulsão cósmica
Ressurreição/Vida	Dn 12:2 – Ressurreição de justos e injustos	Mt 24:31 – Anjos reunindo os escolhidos	Ap 20:4-6 – Primeira ressurreição
Fim e Julgamento	Dn 7:9-14 – Tribunal celestial	Mt 25:31-46 – O juízo das nações	

Apêndice II – Tabela Comparativa de Estruturas

Sinais Escatológicos

Categoria	Daniel	Evangelhos	Apocalipse
Início das dores	Impérios e perseguições	Guerras, fome, terremotos	Cavaleiros (Ap 6:1-8)
Profanação	Sacrifício cessado, abominação	“Lugar santo profanado”	Besta e marca (Ap 13)
Clamor da fé	Fiel resistindo no exílio	Perseguição aos discípulos	Mártires clamando por justiça (Ap 6:9-11)
Conflito final	Rei soberbo destruído pelo Altíssimo	Tribulação abreviada por amor aos eleitos	Armagedom e derrota da Besta (Ap 19)
Consumação	Ressurreição final	Filho do Homem vindo nas nuvens	Novo Céu e Nova Terra (Ap 21-22)

Apêndice III – Notas Críticas sobre Traduções

1. **Mateus 24:34 – "Esta geração"**
    - Algumas traduções modernas (como NTLH) sugerem que Jesus se referia à sua própria geração.
    - Crítica: enfraquece a dimensão escatológica universal, reduzindo-a a mero evento histórico (70 d.C.).
    - Correção: o termo *genea* deve ser lido como **a geração do fim**, aquela em que todos os sinais convergem.
2. **Daniel 9:27 – "Sacrifício e oferta cessarão"**
    - Em versões simplificadas, o texto se perde em paráfrases.
    - Crítica: o risco é diluir a ligação com a "abominação da desolação".
    - Correção: manter a precisão do *textus receptus* e evidenciar a relação entre cessação do culto e profanação.
3. **Apocalipse 13:16-17 – "Marca na mão ou na testa"**
    - Algumas leituras enfatizam apenas a dimensão tecnológica (chips, implantes).
    - Crítica: reducionismo materialista.
    - Correção: manter o núcleo espiritual do símbolo – a marca como **submissão da consciência e da ação** ao sistema idolátrico.

Apêndice IV – Bibliografia Adicionalmente Consultada

Clássicos da Interpretação

- **Bauckham, Richard (1993).** *The Theology of the Book of Revelation*. Cambridge: Cambridge University Press.
  → Um dos melhores panoramas da teologia joanina, útil para compreender a conexão entre símbolo e história.
- **Beale, G.K. (1999).** *The Book of Revelation*. Grand Rapids – Cambridge: NIGTC.
  → Comentário técnico, fundamental para análise da estrutura e dos paralelos veterotestamentários.
- **Collins, Adela Yarbro (1984).** *Crisis and Catharsis: The Power of the Apocalypse*. Westminster John Knox.
  → Explora a função social e espiritual do Apocalipse como texto de resistência.

Estudos sobre Daniel

- **Brown, Raymond E. (1997).** *Introduction to the New Testament*. Anchor Bible.
  → Traz o pano de fundo histórico para o uso de Daniel nos Evangelhos.
- **Burkett, Delbert (2000).** *An Introduction to the New Testament and the Origins of Christianity*. Cambridge University Press.
  → Enfatiza a transição entre literatura apocalíptica judaica e cristã.
- **Bousset, Wilhelm.** *Die Offenbarung Johannis*. Göttingen.
  → Texto clássico da crítica histórica, ainda relevante para compreender a mentalidade apocalíptica.

Integrações Filosóficas e Hermenêuticas

- **Ammannati, Renato (2010).** *Rivelazione e Storia. Ermeneutica dell'Apocalisse*. Transeuropa.
  → Obra que integra exegese e filosofia da história, muito próxima da abordagem que seguimos.
- **Boxall, Ian (2006).** *The Revelation of Saint John*. Continuum/Hendrickson.
  → Comentário acessível e profundo, indicado para pontes pedagógicas.

Recursos Didáticos

- **Enciclopédia Internacional da Bíblia (online).** *Abomination of Desolation*.
  → Referência prática para consultas rápidas sobre a expressão e seus contextos.

Apêndice V – Quadro de Meditação Escatológica

Tema	Palavra-chave	Pergunta Reflexiva	Prática Espiritual
Abominação	Idolatria	Quais são os ídolos que ocupam hoje o meu templo interior?	Exame de consciência diário
Tribulação	Perseverança	Como reajo às crises: desespero ou esperança?	Oração perseverante
Sinais Cósmicos	Vigilância	Reconheço os sinais de Deus na história e na criação?	Contemplação da natureza
Ressurreição	Esperança	Vivo como quem já participa da vida eterna?	Meditação na Palavra
Epifania	Manifestação	Minha fé se traduz em testemunho público?	Prática da justiça e da solidariedade

Considerações Finais

A travessia que percorremos neste livro — de Daniel ao Apocalipse, passando pelas palavras de Jesus — mostrou-nos que a profecia não é um enigma destinado a ser decifrado apenas por cálculos e cronologias. Ela é, antes, um **espelho espiritual** no qual cada geração se vê diante do desafio de permanecer fiel em meio às desolações de seu tempo.

A **"abominação da desolação"** é figura, é história e é arquétipo. Foi o sacrifício cessado no Templo de Jerusalém, foi a perseguição aos primeiros cristãos, é o sistema idolátrico de cada época que busca ocupar o lugar do sagrado. E, ainda hoje, ela se manifesta quando a consciência humana abdica da verdade e se curva ao poder travestido de absoluto.

Mas também aprendemos que a última palavra não é da desolação. O mistério do tempo é guardado por Deus, e o selo que somente o Cordeiro pode abrir revela que a história não caminha para o caos, mas para a plenitude. A dor é transitória; o Reino é eterno.

Escatologia não é fuga do mundo, mas compromisso com a história. É viver vigilantes, conscientes e esperançosos. É compreender que cada gesto de fidelidade, cada ato de justiça e cada palavra de amor são antecipações do Reino que virá.

Assim, as páginas que agora se fecham não encerram a reflexão, mas a abrem em cada leitor. A profecia é um convite à vigilância interior, à lucidez espiritual e à perseverança ética. **Quem lê, entenda. Quem entende, viva. Quem vive, testemunhe.**

Que a esperança escatológica forme em nós uma consciência desperta, capaz de atravessar a tribulação sem medo e de aguardar, com amor e fidelidade, aquele que vem — o Filho do Homem, o Cordeiro glorioso, o Senhor da história.

Conselho Final ao Leitor

Caminhante da fé,

Se chegaste até aqui, já percebes que as profecias não são apenas sobre o amanhã distante, mas sobre o hoje que respiras. O “tempo do fim” não se mede apenas em calendários, mas no modo como cada coração responde ao chamado da vigilância.

Não temas os rumores de guerras, nem os sinais que abalam os céus e a terra. Maior que a desolação é Aquele que guarda o mistério da vida. Maior que o poder das bestas é o Cordeiro que venceu pela cruz.

Conserva o templo do teu interior livre de ídolos. Faz da tua consciência altar vivo. Que cada gesto teu seja semente de esperança e cada palavra tua seja sopro de luz.

E quando o silêncio do mistério se abrir diante de ti, não serás surpreendido como quem caminha na noite, mas acolhido como filho da luz.

Segue em sobriedade, em amor e em fidelidade. Porque Aquele que prometeu não tarda, e sua vinda é certeza: **como relâmpago, como trombeta, como revelação.**

Vigia. Persevera. Espera.
E que a paz do Eterno seja contigo até a consumação dos séculos.

Referências Bibliográficas (ABNT)

AMMANNATI, Renato. *Rivelazione e Storia: Ermeneutica dell'Apocalisse*. S.l.: Transeuropa, 2010.

BASS, Ralph E., Jr. *Back to the Future: A Study in the Book of Revelation*. Greenville, South Carolina: Living Hope Press, 2004. ISBN 0-9759547-0-9.

BAUCKHAM, Richard. *The Theology of the Book of Revelation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

BEALE, G. K. *The Book of Revelation*. Grand Rapids; Cambridge: Eerdmans, 1999. ISBN 0-8028-2174-X.

BEALE, G. K.; McDONOUGH, Sean M. Revelation. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (org.). *Commentary on the New Testament Use of the Old Testament*. Grand Rapids: Baker Academic, 2007.

BOUSSET, Wilhelm. *Die Offenbarung Johannis*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1896, 6. Aufl. 1906.

BOXALL, Ian. *Revelation: Vision and Insight – An Introduction to the Apocalypse*. London: SPCK, 2002. ISBN 0-281-05362-6.

BOXALL, Ian. *The Revelation of Saint John*. London: Continuum; Peabody, Massachusetts: Hendrickson, 2006. ISBN 0-8264-7135-8; ISBN 1-56563-202-8.

BROWN, Raymond E. *Introduction to the New Testament*. New York: Anchor Bible, 1997. ISBN 0-385-24767-2.

BURKETT, Delbert. *An Introduction to the New Testament and the Origins of Christianity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

COLLINS, Adela Yarbro. *Crisis and Catharsis: The Power of the Apocalypse*. Philadelphia: Westminster John Knox Press, 1984.

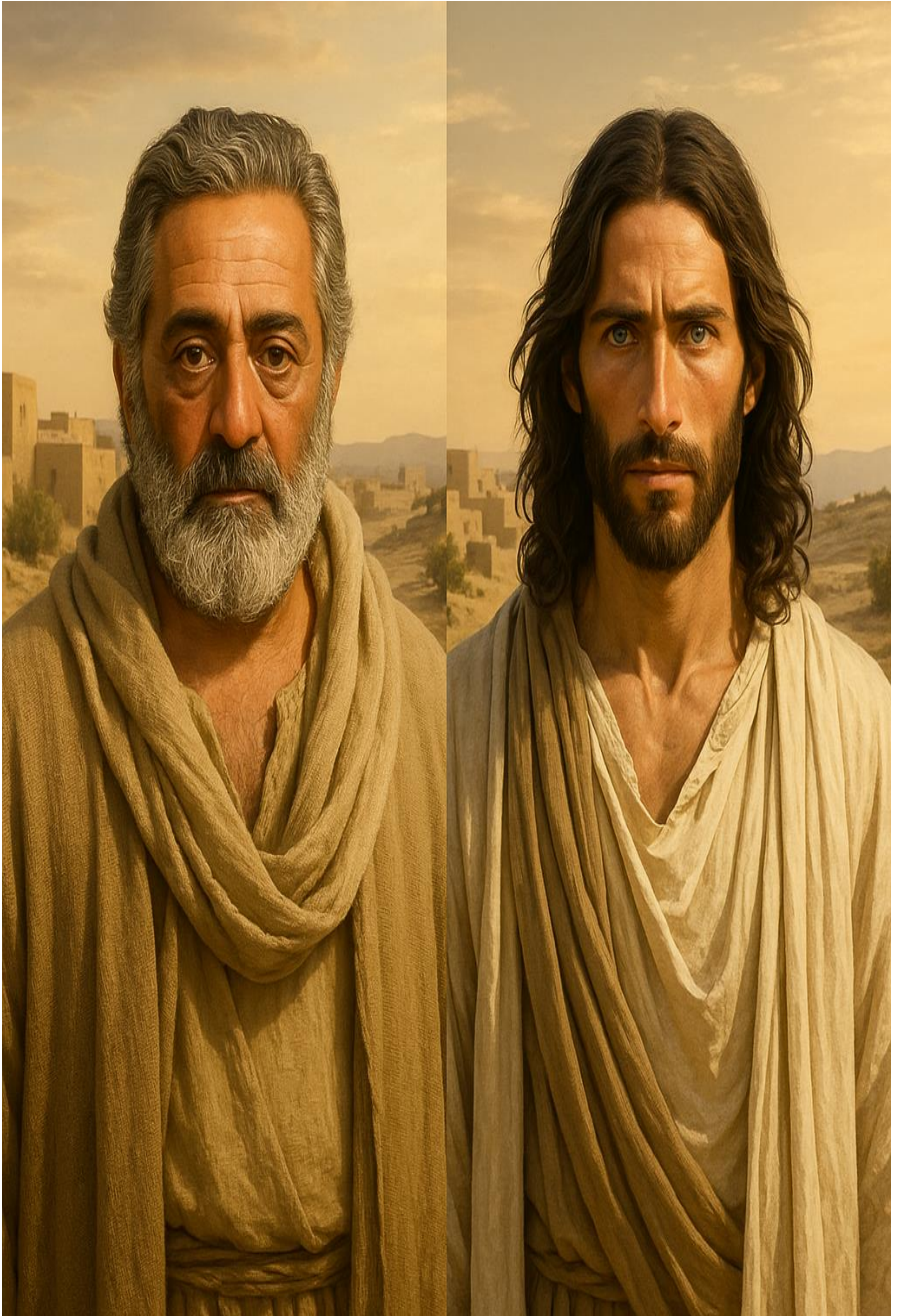
Recursos eletrônicos:
The International Standard Bible Encyclopedia Online. *Abomination of Desolation*. Disponível em: https://www.internationalstandardbible.com/. Acesso em: 31 ago. 2025.

Sobre o Autor

Cicero Duarte (1953 –), psicólogo, teólogo e capelão brasileiro, é um livre-pensador contemporâneo que transita entre filosofia, espiritualidade e psicologia profunda. Sua obra se dedica à investigação da consciência, à integração de saberes ancestrais e científicos, e à busca de uma pedagogia espiritual acessível ao ser humano do nosso tempo.

Combina experiência clínica e pastoral com uma escrita marcada pela reflexão filosófica e pela abertura ao mistério do cosmos. Apaixonado pela educação, acredita que o mundo precisa de **processos de aprendizagem mais acessíveis e transformadores**, capazes de unir razão, emoção e espiritualidade.





A profecia de Daniel sobre a *abominação da* desolação atravessa os séculos como um enigma e um espelho.

Enigma, porque vela e revela ao mesmo tempo o misterio do fim. Espelho, porque reflete em cada geração a luta entre a fidelidade ao sagrado e a sedução do idolo.

Jesus retomou essas palavras em seu discurso escatológico; "Quando virdes a abominação da desolaçâo, de que falou o profeta Daniel, no lugar santó – quem le. entenda". Joâo, em Patmos, ampliou à visâo, a Besta, a marca e.o culto forçado rornaram-se simbolos universãı de um sistema que desafia a fè e busca ocupar o lugar de Deus.

Esta obra conduz o leitor a uma jornada que integra. *historia, simbolo e espirito*. Não se tratá de câlculos de datas oú de especulaçoes apocalipticas, mas de uma leitura pedagogica da profecia como formaćão da consciencia, convite á vigiglância e educação espiritual pata viver no tempo presente.

Um livro que ilumina, çonfronta e desperta.
Um chamado á sobriedade, a fidelidádé e á esperança no coração da historia.

COMPRE AGORA!